

## NO CORAÇÃO DAS TREVAS: SOLIDÃO, INDIVIDUALIZAÇÃO E PROGRESSO

## IN THE HEART OF DARKNESS: LONELINESS, INDIVIDUALIZATION AND PROGRESS

Matheus Marques NUNES<sup>1</sup>

**RESUMO:** O artigo pretende uma leitura de dois textos de Joseph Conrad: *Um posto avançado do progresso* e, sobretudo, *Coração das trevas*. Pretendemos enfatizar o processo de individualização e solidão de indivíduos que são constantemente forçados a assumir papéis que são determinados por um modelo de civilização que se impõem com a modernidade. Reforçamos com a nossa abordagem as contradições que marcam a construção da individualidade num período avançado da modernidade.

**PALAVRAS-CHAVES:** Conrad. Solidão. Individualização. Progresso. Civilização.

**ABSTRACT:** The article intends to read two texts by Joseph Conrad: *An outpost of progress* and, above all, *the heart of Darkness*. We intend to emphasize the process of individualization and loneliness of individuals who are constantly forced to take on roles that are determined by a model of civilization that impose on modernity. We reinforce with our approach the contradictions that mark the construction of individuality in an advanced period of modernity.

**KEYWORDS:** Conrad. Solitude. Individualization. Progress. Civilization.

Neste artigo, pretendemos destacar algumas das características que configuram o sujeito inadaptado e solitário. Mais precisamente, o sujeito que não se adapta ao meio social numa época em que o intenso expansionismo do capitalismo pelo mundo exige a domesticação do indivíduo em estruturas burocratizadas e racionais.

Usaremos como base para nossas reflexões o romance *O coração das trevas* (1898-1899), secundariamente, o texto *Um posto avançado do progresso* (1896), ambos do escritor Joseph Conrad, a partir da leitura realizada pela professor Antonio Candido (2012), e, finalmente, faremos um paralelo com o filme de Werner Herzog, *Fitzcarraldo* (1982), para ampliarmos nossa análise crítica das obras em questão.

A narrativa de Conrad, entrecortada, dilacerada e complexa, retrata magistralmente a questão do indivíduo solitário que busca compreender seus dilemas. Trata-se, indubitavelmente, de um retrato complexo e sutil do homem moderno e alguns dos seus conflitos mais cruciais.

---

1. Doutor em Sociologia pela Universidade Paulista (UNESP- Campus Araraquara). Pós-doutorado em Teoria literária (UNESP- Campus Araraquara). Professor titular da Universidade Paulista (UNIP- Campus Ribeirão Preto). Email: matheusmarquesnunes@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8957-8938>.

No romance *O coração das trevas*, temos a caracterização de um sujeito que vive, de maneira menos usual, as contradições mais comuns do sistema neocolonial. Vale ressaltar que toda a ação acontece enquanto ele mesmo é parte do avanço desta dominação no coração do continente africano. Destacamos que o autor aborda, além disso, um dos temas mais importantes para compreendermos o contexto do desenvolvimento capitalista das últimas décadas do XIX e início do século XX.

Acreditamos que pensar a respeito da solidão deste indivíduo permite uma abordagem mais específica, estabelecendo uma ligação entre a literatura e o contexto histórico. É importante perceber como tal sentimento, de permanente questionamento de um *outsider*, torna-se peça fundamental para o autoconhecimento, sobretudo, num período marcado por intensas transformações econômicas e políticas que modificaram profundamente os papéis sociais engendrados por tais relações sociais.

É uma discussão que, além disso, possui um forte caráter existencial, pois relaciona tal tema, o sujeito que busca e enfrenta o isolamento, com implicações filosóficas que são fundamentais para a compreensão, não somente das angústias do protagonista, porém, do homem moderno e seu “mal-estar” diante da civilização.

A personagem central do livro *Coração das trevas*, Charlie Marlow, é um marinheiro solitário, que realiza uma viagem não só física, mas, sobretudo, uma busca por sua própria identidade:

Ele era o único entre nós que ainda “atendia ao chamado do mar”. E o pior que dele se podia dizer era que não se tratava de um bom representante de sua classe. Era um homem do mar, mas um homem errante também, enquanto a maioria dos homens do mar, se é que se pode dizer assim, leva uma vida sedentária. Têm um espírito caseiro e carregam sempre com eles o seu lar – o navio – bem como seu país – o mar. Todos os navios são muito parecidos, e o mar é sempre o mesmo (CONRAD, 2008 a, p. 12).

A reflexão a respeito da solidão, num cenário que aparentemente seria tão exótico e selvagem, nos remete ao entendimento de muitos de nossos próprios demônios cotidianos. Lembramos que ele, o narrador e protagonista do romance *Coração das trevas*, estava, ao aceitar um emprego, como capitão, num barco de uma companhia de comércio, na linha de frente do avanço imperialista europeu pelo interior da África, como sujeito que participa na dinâmica de exploração, como indivíduo que se isola, percebendo a opressão que permeia as relações sociais, e como trabalhador que também será explorado pelo sistema.

Trata-se, assim, de abordar, por um lado, as contradições enfrentadas pelo indivíduo que é cooptado pelas engrenagens dos grandes empreendimentos comerciais e políticos que marcaram o capitalismo na segunda metade do século XIX. Afinal, o

protagonista será o capitão de um barco que estabelece contato comercial com regiões ainda fora do pleno controle pelos mercados mundiais.

Precisamos, por outro lado, pensar sobre o homem inadaptado diante destes mesmos paradigmas que serviram para a consecução desta viagem. Afinal, quais seriam os principais dilemas que tal indivíduo, em busca de sua autonomia, de conhecimento e da construção de uma consciência do seu ser, enfrenta num cenário de dominação tão brutal, colonial, burocrática e imperialista?

Em outras palavras, ao pensarmos acerca destas questões filosóficas e existenciais, que, conforme mencionamos antes, podem ser abordadas de um ponto de vista mais estritamente histórico ou literário, criamos a oportunidade para compreendermos melhor uma situação comum a muitos de nós ainda hoje: vivenciar conscientemente o enfrentamento diante do imprevisível, perceber a importância do estranhamento frente ao mundo, lutar para garantir o mínimo da serenidade necessária para investigar aquilo que parece insondável e, finalmente, desenvolver, ou, ao menos, perceber, como a força e o equilíbrio são imprescindíveis para enfrentar a permanente viagem que fazemos durante nossa vida.

Portanto, além destes elementos de caráter mais filosófico e existencial, é importante, conforme a proposta delineada por nossa leitura, olhar retrospectivamente a política de dominação e exploração do outro, a visão etnocêntrica do europeu, o avanço do neocolonialismo, traço que constitui, nitidamente, um elemento para pensarmos no contexto histórico e cultural do romance de Joseph Conrad.

Ao pensarmos nestes marcos que consolidaram uma forma de dominação política e econômica tão características, ressaltaremos também o processo de isolamento do indivíduo mesmo quando participa desempenhando um papel relevante na expansão colonial.

É necessário ressaltar o sujeito que se contrapõe aos modelos de organização implantados pela civilização ocidental em sua expansão mundial para a compreensão do conflito estabelecido pelo enredo de Conrad. Precisamos, dessa maneira, considerar tais contradições entre progresso das formas de dominação burocráticas e a solidão de Marlow. Tal relação nos parece um passo no caminho para abordar tal obra de acordo com a proposta deste estudo.

Temos o encontro e o conflito entre várias culturas. Não como diálogo, mas como desumanização e concomitante dominação do outro. Também os dilemas existenciais do homem civilizado e inadaptado.

O indivíduo, mesmo quando não aceito pelo grupo, coloca em ação a política da metrópole. Torna-se, pelo menos assim nos parece, vítima e artífice da barbárie colonialista. A aventura do colonialismo é marcada por ações e consequências extremas e cruéis: marcas físicas, cicatrizes, desequilíbrios psicológicos, isolamento, conflitos entre pessoas ávidas por poder, corrupção e a fragilidade dos laços humanos.

Um processo que, quanto mais ganha espaço e torna-se hegemônico como padrão econômico, mais limita a efetiva participação do sujeito em quaisquer decisões relevantes que garantam sua autonomia.

Ele se encontra na linha de frente da política imperialista. No entanto, ao participar de tal empresa ele percebe que não controla e nem mesmo compreende o poder que determina suas ações. Despersonalização, controle burocrático e solidão marcam a viagem do explorador que não tem controle sobre seus passos. A dominação do outro e a destruição da autonomia do protagonista, representante e vítima da empresa colonialista, são concomitantes. Torna-se, por isso, figura ideal para a nossa análise a respeito do indivíduo inadaptado:

Que diferença fazia, o que as pessoas sabiam ou ignoravam? Que diferença fazia quem era o gerente? Às vezes temos esses clarões de percepção súbita. As entranhas desse caso residiam bem abaixo da superfície, fora do meu alcance e muito além do meu poder de interferência (CONRAD, 2008a, p. 63).

Trata-se de um homem solitário, não apenas nesta ocasião, porém, durante toda a sua vida de marinheiro, que não pode e não deseja contar com ninguém para sobreviver. Isolado entre outros colonizadores, pessoas calculistas, parvas, egoístas, obcecadas por lucros, prestígio, destaque e poder.

Ele não é apenas o capitão do barco. Marlow é considerado com extrema desconfiança por todos os outros membros da empresa imperialista que almejavam poder e o encaravam como possível concorrente. Como suposto homem de confiança dos superiores que estão na Europa, invisíveis e inalcançáveis, comanda uma viagem que revela o vazio daquela civilização que destrói tudo na sua busca por marfim, riquezas, escravos e lucros.

Uma viagem que pode simbolizar uma grande des(a)ventura. Um fato que provoca o distanciamento e permite encarar de outro modo nossas decepções mais constantes e corriqueiras.

A causticante e simbólica viagem de Marlow nos permite descobrir aqueles nossos projetos malogrados, notar a nossa impotência diante de situações que não controlamos, quando descobrimos a impossibilidade de estabelecer vínculos duradouros e reais numa estrutura social que nos coloca em situações de constante mudança.

Percebe-se, a cada avanço do barco, não somente a desconfiança mútua, como o tremor preconceituoso dos tripulantes diante da possibilidade de um ataque dos “selvagens” ou de forma mais reprimida de uma regressão ao estado de selvageria, ou simplesmente, da ausência de valores que norteavam os seus cotidianos enquanto estavam vivendo dentro do espaço já traçado pelos mapas e pelas regras impostas pelo processo civilizatório.

Não existe a compreensão, por parte da tripulação, que seus medos são gerados pela estrutura e pela dinâmica em que eles estão envolvidos e que colaboram para reproduzir em suas ações cotidianas. Tomam, assim, qualquer elemento externo, como, por exemplo, o capitão/concorrente ou os nativos/selvagens, como responsáveis por todos os seus temores, intolerâncias e desatinos.

Todos são, de certo modo, agentes autorizados da civilização. Indivíduos ansiosos pelo progresso e, principalmente, pelos frutos monetários desta evolução. Mas, são pessoas temerosas, ao mesmo tempo, oscilando frente às consequências de um processo que não compreenderam e desconhecem completamente:

Vocês não conseguem entender? E como poderiam – com um calçamento de pedra debaixo dos seus pés, cercados por vizinhos gentis prontos a acudi-los ou lhes pedir algum favor, caminhando a passos contados entre o açougue e a polícia, no terror sacrossanto do escândalo, do cadafalso e dos hospícios – como podem vocês imaginar a qual região particular das eras primevas os pés desimpedidos de um homem podem levá-lo quando ele se depara com a solidão – a solidão absoluta, sem voz de um vizinho para ser ouvida e lembrar-lhe num murmúrio a opinião pública? Essas pequenas coisas fazem toda a diferença. Quando elas desaparecem, você só pode recorrer à sua própria capacidade de ser fiel (CONRAD, 2008a, p. 79).

Querem o controle integral das suas vidas, no entanto são jogados de um lado para outro, por forças, econômicas e naturais, que mostram, a cada lance banal, sua insignificância e impotência. Emblematicamente não comandam nem mesmo aquele insignificante e miserável barco.

A narrativa acrescenta uma sensação de inquietude a cada página. Temos a esperança de que algo acontecerá subitamente, algo para quebrar a impotência dos tripulantes, um fato, que parece tão iminente, e que mudaria o curso daquela viagem. Porém, nada se concretiza de acordo com as expectativas iniciais e tudo se congela numa inércia que envolve toda a tripulação.

Característico deste fascínio e terror gerado pela empresa colonialista, do algo iminente que nunca se concretiza, sentido pelos leitores no decorrer de cada página, retratada pela postura dos colonizadores e mais evidente na ação desnorteada dos tripulantes que atiram a esmo nas sombras da floresta, é a figura de Kurtz. Ele é a figura que sintetiza todas estas sensações contraditórias. Serve, inclusive, como motivo principal da viagem de resgate capitaneada por Marlow.

## **KURTZ**

Kurtz também é um ser isolado. Completamente só com seus projetos e eloquência, em um posto comercial distante dos outros entrepostos, ele vive a sua ruína

pessoal, gerada silenciosamente sob o manto da prosperidade mercantil. Solitário é também invejado e, ao mesmo tempo, temido pelos demais empregados da empresa. Eles que a princípio não compreenderam a dimensão e o alcance da atividade daquele estranho senhor isolado na selva.

Aqui Conrad descreve a distância entre a visão da missão civilizatória, o rígido controle exercido sobre os nativos, a incessante atividade comercial dos europeus e a visão mais ortodoxa da empresa imperialista que teme aquele que, mesmo produtivo, ganha autonomia frente aos mecanismos de controle institucionais:

Mas toda a questão tratada por Kurtz e Marlow é, de fato, o domínio imperialista, o europeu branco sobre os africanos negros, sua civilização de marfim sobre o continente negro primitivo. Ao acentuar a discrepância entre a ‘ideia’ oficial do império e a realidade tremendamente desconcertante da África, Marlow abala a noção do leitor sobre a própria ideia do império e, acima de tudo, sobre algo ainda mais básico, a própria realidade. Pois se Conrad consegue mostrar que toda atividade humana depende do controle de uma realidade radicalmente instável, a qual apenas pela vontade ou por convenção pode ser enunciada de maneira aproximativa, o mesmo vale para o império, e assim por diante. Com Conrad, portanto, estamos num mundo que está sendo feito e desfeito quase o tempo todo (SAID, 2011, p.71).

Certo mistério envolve a figura de Kurtz. A dualidade de uma personagem que se mantém isolado como agente de uma empresa imperialista. Acontecimentos decisivos e contraditórios envolvem aquele que não deseja atuar como um simples agente comercial. Deseja ser um arquiteto e fomentador dos mais caros ideais dessa civilização que promove a abjeta sujeição dos homens encoberta pela ideologia da filantropia e do progresso econômico.

Percebe-se, enfim, como um sujeito capaz de algo extraordinário e pronto para grandes ações. E, neste momento decisivo, já não possui a força necessária para concretizar seus grandiosos planos. Reproduziu, por outro caminho, os valores do próprio sistema. Como os irrelevantes tripulantes do barco que só buscavam o lucro das “trocas” comerciais.

Fica claro que os projetos pessoais são todos malogrados caso não tenham consonância com os interesses do sistema. Tudo aparentemente instável, na verdade, tudo cada vez mais sujeito a mudanças em que os sujeitos não possuem controle de suas ações, eis a imprevisibilidade e irreversibilidade das ações individuais.

Homens e natureza em permanente contradição, o capital ansioso para obter, através da destruição de todos os elementos considerados obstáculos, a maior rentabilidade para seus projetos civilizatórios.

O grande “moinho” colonial arquitetado para obter lucros é substituído por um mecanismo administrativo mais eficiente ainda para a extração de riquezas. A corrosão

ataca todos os valores que se opõe a marcha de tal progresso. Tudo se esvanece como bruma. Tudo oscila entre a vontade que vacila frente aos desafios que lhe são apresentados e a fatalidade diante de algo que não controlamos, mesmo que frequentemente imaginemos que temos a situação controlada, ou entendemos.

Kurtz, suas ações, seu poder, sua dominação, planos e sua oratória se perderam irremediavelmente no coração das trevas. Permanecem as ponderações de Marlow ao voltar para a Europa com a lembrança de Kurtz como legado: somos meros instrumentos do capital ou agentes de uma civilização que destruí outras culturas transformando, como o fez Kurtz, tal missão em algo aparentemente messiânico.

Nem mesmo sua lembrança, cultivada pela noiva deixada na Europa, condiz com a sua história, tornando-se mera idealização, pura ficção, exatamente como os projetos civilizatórios acalentados por muitos europeus. O que resta de tudo isto é o lucro advindo com precioso marfim, os projetos que se realizam com tal propósito, restos de casas, sucatas deixadas ao acaso e muitas vidas sacrificadas em nome de ideais que embasam tal empreitada.

São figuras e situações típicas da época, denominada por Eric Hobsbawn (2006) na sua obra *A era dos Impérios 1875-1914*, do Neocolonialismo Europeu, aproximando o ocidente e o “exótico” através dos novos meios de comunicação e de uma ideologia que utilizava os elementos das culturas das regiões colonizadas como entretenimento e prova da superioridade da civilização capitalista:

O exótico podia até tornar-se uma parte ocasional porém previsível da experiência cotidiana, como no show do Oeste bravio de Buffalo Bill, com seus igualmente exóticos cowboys e índios, que conquistaram a Europa a partir de 1887, ou nos “povoados coloniais” cada vez mais elaborados ou mostras das grandes exposições internacionais. Qualquer que fosse sua intenção, esses lampejos de mundos estranhos não tinham caráter documentário. Eles eram ideológicos, em geral reforçando o sentimento de superioridade do “civilizado” em relação ao “primitivo”. Eram imperialistas apenas porque, como mostram os romances de Joseph Conrad, a vinculação central entre os mundos do exótico e do cotidiano era a penetração, formal ou informal, do Ocidente no Terceiro Mundo (HOBSBAWN, 2006, pp. 119-120).

Muitos destes dilemas continuam atuais e mais latentes com o avanço da globalização: a solidão do homem civilizado, o desespero de construir algum sentido para suas ações, a violência diante do incompreendido, violência que perpassa toda a atividade capitalista, o progresso econômico, as misérias sociais, o avanço da técnica, transformada em fetiche, uma viagem, enfim, ao coração das trevas, uma fuga de tudo e de todos que nunca se completa.

Conforme ressaltamos, tais expectativas dos protagonistas, a frustração em não realiza-las, a insanidade das personagens levadas a situações limites, a trama inconclu-

siva e o isolamento que leva ao conhecimento da nossa fragilidade torna significativa uma leitura da obra de Conrad nos dias atuais. Afinal, conforme percebemos a partir da solidão de Kurtz:

O mito popular de um “homem forte” que, isolado dos outros, deve sua força ao fato de estar só, é mera superstição baseada na ilusão de que podemos “fazer” algo na esfera dos negócios humanos – “fazer” instituições ou leis, por exemplo, como fazemos mesas e cadeiras, ou fazer o homem “melhor” ou “pior” – ou é, então, a desesperança consciente de toda a ação, política ou não, aliada à esperança utópica de que seja possível lidar com homens como se lida com qualquer “material”. A força de que o indivíduo necessita para qualquer processo de produção, seja intelectual ou puramente física – torna-se inteiramente inútil quando se trata de agir. A história está repleta de exemplos da impotência do homem forte e superior que é incapaz de angariar o auxílio ou cooperação de seus semelhantes [...]. (ARENDRT, 2007, p. 201).

Trata-se de uma viagem ao interior das contradições econômicas e sociais do capitalismo. E, por outro lado, um itinerário ao interior de problemas pessoais que levam a descoberta das nossas limitações, de algo que nos coloca em contradição com o cotidiano da produção, ou seja, de uma experiência individual, que intensamente vivenciada, coloca em suspenso nossas convicções e valores. Aquilo que acreditávamos ser a realidade é questionado.

### **A viagem do homem civilizado**

Deparamo-nos com uma situação de isolamento e solidão que tem sua origem nas convenções impostas pela sociedade e que revela suas contradições. Embate com entre o indivíduo e tais regras objetivas. Desse modo, aqueles objetos, pessoas e objetivos legais, que no cotidiano são relevantes para o funcionamento dos negócios dentro da normalidade, tornam-se ineficazes quando confrontados por indivíduos que vivenciam uma experiência em que tal opressão e seu absurdo se tornam mais evidentes. Tudo parece ficar em suspenso com a viagem.

Viagem ao deserto, muito silenciosa e, aos homens educados para a ação comercial, entediante. Não suportam o silêncio que deixa mais evidente as aparências que a atividade econômica incessante parece esconder sob o ruído óbvio das nossas atividades mais triviais.

Observamos, anteriormente, que os tripulantes do barco de Marlow querem matar seus temores atirando, incessante e inutilmente, em inimigos invisíveis que se camuflam na vegetação. Toda a pequenez do homem civilizado, paralisado por não almejar seus temores mais ocultos. Temos um deslocamento físico no pequeno barco

em meio a floresta virgem e uma viagem ao nosso interior, momento de revelação das nossas angustias, ansiedades e temores.

O mesmo dilema enfrentado pelos personagens Kayerts e Carlier do texto *Um posto avançado do progresso* de 1896 (CONRAD, 2008b). Temos dois indivíduos considerados insignificantes pela companhia comercial. Seres massificados que são destacados para um posto avançado em território selvagem. Deveriam enfrentar a nova situação, mas revelam sua inaptidão e um terrível pavor que os deixa paralisados:

A fim de enfrentar com eficiência mesmo o mais material dos problemas, qualquer um precisa de mais serenidade de espírito e mais coragem do que geralmente se imagina. [...] A sociedade, não por ternura mas em razão das suas estranhas necessidades, sempre olhara por aqueles dois homens, proibindo-lhes qualquer pensamento independente, qualquer iniciativa, qualquer desvio da rotina; e proibindo sob pena de morte. Só sabiam viver na condição de máquinas. E agora, afastados do zelo e dos cuidados de homens com canetas atrás da orelha ou galões dourados nos punhos, os dois lembravam aqueles condenados à prisão perpétua que, soltos ao cabo de muitos anos, não tem ideia do que fazer da sua liberdade (CONRAD, 2008b, p.129).

São inaptos para qualquer pensamento independente, para qualquer ação prática e cegos para tudo o que os rodeia nesta outra realidade física e cultural. Temem a solidão, temem desvelar suas próprias contradições. Acabam por destruir qualquer possibilidade de comunicação e compreensão. Reproduzem a violência da civilização. Não sobrevivem ao isolamento. Sucumbem ao mais catastrófico cenário: tomar consciência de quem eles realmente eram.

Conrad, portanto, coloca a solidão como uma condição presente durante toda a “viagem” dos seus personagens. Homens invariavelmente solitários em suas vidas civilizadas e que se acovardam ao descobrir o peso deste fardo. Notam na precariedade do barco, ou do posto avançado, enquanto estão cercados pela pulsante vida de uma floresta tropical, sua própria fragilidade e a falta de sentido que até então permaneciam latentes. Recorrem as suas armas como único sortilégio, quase um amuleto mágico, que ainda acreditam ser eficiente para aplacar seu medo diante do desconhecido.

Interessante notar que muitas vezes Honoré de Balzac comparou as ações da burguesia parisiense aos modos dos desbravadores do novo mundo. As selvas americanas apresentavam os mesmos perigos que um *boulevard* em Paris. Ambos repletos de uma fauna tão exótica e perigosa como a da floresta: “Paris, acredite, é como uma floresta do Novo Mundo, em que se agitam 20 espécies de povos selvagens, os Bororos, os Hurões, que vivem do produto que dão as diferenças caçadas sociais; você é um caçador de milhões” (BALZAC, 2004, p.101).

Enfrentar tal situação que se coloca como um limite para nossas forças é um teste. Trata-se de um tema importante nas obras de Conrad, como, por exemplo, no

romance *Lord Jim*. Vivenciar uma experiência que problematize a nossa capacidade de lealdade, enfrentar tal situação limite quando estamos irremediavelmente apartados da comunidade, quando nenhum comedimento nos tolhe e só resta a nossa consciência como possibilidade de manter um vínculo com os mais improváveis dos nossos ideais.

Condição não diferente enfrentada por Marlow. Ele apesar de encontrar-se sempre cercado por outras pessoas, funcionários da companhia, viajantes nativos, colegas/inimigos marinheiros, sente-se absolutamente só e confronta-se com o desafio de manter-se íntegro aos seus mais importantes ideais. Está em permanente movimento, marginalizado e calado, mesmo quando estabelece diálogo, evidentemente não compreendido, com alguém.

Tal isolamento ocorre até mesmo durante do seu efêmero contato com Kurtz. O homem de quem se esperava grandes feitos, o motivador daquela viagem, aquele que parecia ter o dom do discurso capaz de convencer e dominar as situações mais adversas. Ao final deste encontro só fica a sensação do não realizado e da decepção por esperar algo extraordinário numa situação que se relaciona fundamentalmente com o nosso próprio modo de agir e pensar.

Assim, depois do encontro tão esperado nada significativo acontece. Marlow permanece solitário, nenhum diálogo substancial se desenvolve, nenhuma possibilidade se realiza, uma relação que não se desenvolve, alias, que nem mesmo se inicia. Somente a sensação de vazio. A angústia de permanecer dentro do quadro de expectativas construídas com base nos valores representados por Kurtz. Após o desalento de esperar algo que destruísse a normalidade, lidamos com uma frustração previsível e temos ainda o desafio de continuar a travessia pelo deserto.

Todos estão em tal deserto. Alguns ganhando a consciência de tal situação. A solidão não apenas daquele que notoriamente é marginalizado, mas de alguém que faz parte do sistema, o capitão experiente, a pessoa com bons contatos que consegue o comando do barco da importante companhia, o influente que provoca a inveja de outros que temem sua ação na engrenagem complexa e contraditória que distribui as recompensas e o poder tão almejado quanto imaginário.

Existe outro ponto para refletirmos acerca de tal caminhada que fazemos isoladamente pelo deserto. Um pensamento sobre outro dos seus grandiosos obstáculos disfarçados de aparentes trivialidades que tão cruciais são para nos direcionarmos quando nos vemos perdidos entre tantas dunas extremamente perigosas e desafiadoras: a contradição entre o não agir e a ação aparentemente inexpressiva diante de momentos que não parecem importantes é outra marca, conforme, salientado anteriormente, nesta e em outras obras de Joseph Conrad.

Em decorrência deste debate, entre como agir ou manter-se na passividade, temos uma angústia interior de lembrar que o deixar de tomar posição acarreta ou-

tras consequências importantes para a manutenção da integridade da personagem: “a abstenção corrói, em definitivo mais do que o contato imperfeito com o semelhante. O homem se isola, recusa-se a agir, mas o isolamento acarreta atos mais decisivos do que qualquer outra situação (...)” (CANDIDO, 2012, p.68).

A incompreensão de pensamento, o conflito cultural, as ações egoístas ou a indecisão de cada personagem diante de caminhos possíveis, permitem-nos notar a dramaticidade de temas sob a aparência do banal. Inação angustiante por se constituir fatal. Perigo não só pelas consequências mais imediatas e lógicas, mas, sobretudo, pela torturante opacidade que criam ao redor dos indivíduos.

Mesmo a linguagem utilizada com propósitos racionais, e que não servia mais para a comunhão entre os homens, contribuiu para separar definitivamente aqueles homens cercados pelas trevas da floresta. O autor conseguiu, desse modo, transmitir uma ojeriza aos incidentes corriqueiros que balizaram a vida prática daqueles que compartilham o mesmo barco e uma estrutura de valores comum.

A falta de solidariedade, notada através do comportamento e da linguagem adotada pela tripulação, marca o enfrentamento de Marlow e de tantos protagonistas dos romances de formação do século XIX. Caracterizados como desajustados sociais ou marginalizados, muitas vezes com traços biográficos evidentes, diante das estruturas de dominação e legitimação.

Tal estrutura de autoridade incorpora indivíduos e também os exclui dependendo do seu desempenho e da sua eficiência, neste contexto extremamente competitivo, trata-se, no contexto do livro de Conrad, da aptidão e habilidade em tomar as terras e riquezas dos nativos. Neste sentido, Marlow é o desajustado, o solitário que vive cercado pela mediocridade de outros, também responsáveis pelo funcionamento da empresa imperialista, e pelo discurso que marginaliza os que não alcançam as metas propostas por tal discurso pragmático.

Sua inadequação e capacidade de isolamento, mesmo quando cercado pela mediocridade, deixa evidente a degradação da vida, o mundo sombrio da burguesia, a destruição dos sonhos e da narrativa das nossas vidas. Exatamente como ocorre no transcurso da viagem. Ele continua sozinho observando os outros tripulantes que atiram copiosamente, seguros, não só pelo uso de armas de fogo, mas principalmente do papel que desempenham como vanguarda da civilização que avança para colonizar novas áreas que devem fazer parte, sempre de forma subalterna e como eterna fornecedora de bens primários, do circuito econômico mundial.

Ressaltamos, finalmente, que Marlow, terminada sua empreitada pelo continente africano continua o seu estranhamento, permanece como desajustado, o misterioso que capitaneou o barco solitariamente volta ao seu lar civilizado:

Vi-me de volta na cidade sepulcral, ressentido com as pessoas que andavam apressadas pelas ruas empenhadas em conseguir surrupiar algum dinheiro uma das outras, devorar sua comida infame, engolir a sua cerveja insalubre, sonhar os seus sonhos ridículos e insignificantes. Invadiam os meus pensamentos. Eram intrusos cujo conhecimento da vida me parecia uma irritante impostura, tão certo eu estava de que não tinham como saber as coisas que eu sabia. Seu comportamento, o simples comportamento de indivíduos comuns cuidando dos seus negócios na certeza de uma segurança absoluta, parecia-me ofensivo como o mais extremo espalhafato da loucura diante de um perigo que não consegue compreender (CONRAD, 2008a, p. 112).

Marlow agora é o solitário nas multidões. Sarcástico, não pretende nenhuma ação educativa, pelo contrário, trata-se de agir de modo provocativo. Atitude que garantiria sua autonomia e força necessária. Um enfretamento que se mantém permanentemente, situação que exige sua total concentração para não sucumbir ao comportamento esperado e propagado como normal.

O viver em rebanho garantiria que o indivíduo não fosse atormentado por perigos externos e nem que ele mesmo criasse situações que representassem um problema para o grupo. Para garantir a proteção exige-se a completa passividade e integração aos valores sociais do grupo de origem. A incapacidade e medos individuais são sufocados, desse modo, pela segurança de participar de algo maior que garante a ordem e segurança almejada pelos medíocres.

## **FITZCARRALDO**

Faremos, como conclusão deste artigo, outro paralelo que consideramos interessante estabelecer para desenvolvermos mais aspectos envolvidos na questão do indivíduo solitário e seus embates.

A temática do solitário inadaptado, abordado no *Coração das trevas*, possui muitas analogias com o filme de Werner Herzog, *Fitzcarraldo* (1982), em que os tripulantes do barco também atiram nos indígenas invisíveis na densa mata, enquanto o protagonista, Brian Sweeney Fitzgerald, ou, conforme o próprio prefere chamar-se, Fitzcarraldo (nome cuja origem se dá na linguagem nativa da região em que é ambientada a obra) mantém-se invariavelmente afastado, solitário nos seus devaneios e acalma os nativos ao som de Caruso, Verdi e outros grandes nomes da cultura operística típicas da cultura burguesa do século XIX.

Assim como vimos na análise do personagem Kurtz, também no filme de Herzog encontramos a ideia da conquista não somente econômica, mas como meio de realização de um projeto pessoal, da destruição bárbara dos recursos naturais e dos indígenas como elemento intrínseco do processo civilizador, do idealismo, do indivíduo

deslocado em um ambiente de intensa exploração dos seringais, acrescentando-se ao grandioso sonho da construção de um teatro para ópera no meio da floresta, o maior teatro já visto em um lugar inteiramente isolado do mundo, mesmo que o preço envolva o sangue de muitos índios.

Fitzcarraldo não mede esforços, nem muito menos se acanha diante das dimensões dos problemas que serão enfrentados, mesmo após o fracasso na construção de uma linha férrea também em meio à floresta, fará da impossibilidade prática seu único aliado, permanecerá fiel ao objetivo traçado: feitos que causam estranhamento e desprezo em todos os capitalistas da floresta.

Ironicamente no final da trama, a embarcação dos civilizados, que alcançou a proeza de cortar uma montanha, num árduo e penoso trabalho dos nativos, viabilizando uma nova rota para o comércio da borracha e desta forma abrindo caminho para o sonho do teatro de ópera, fica inteiramente a deriva. As amarras são cortadas pelos indígenas, depois de comemorarem junto aos civilizados o êxito da tarefa hercúlea, trabalho que se esforçaram tanto não por submissão aos brancos, mas para cumprirem o ritual, reviverem o seu mito e acalmarem os espíritos do rio.

Paralelo interessante entre estas duas figuras emblemáticas a de Marlow e a de Fitzcarraldo: desajustados, marginalizados, participantes de empreendimentos imperialistas, isolados em seus ideais não compartilhados, símbolos daquelas situações limites, fieis aos seus projetos que permanecem, de certo modo, em suspenso, não realizados. O fracasso da tarefa não realizada ou parcialmente concluída resulta, no entanto, no seu maior triunfo, pois, marca sua persistência, resistência, resiliência diante da pressão que a sociedade impõe aos dissidentes e aos seus ideais que confrontam o já está estabelecido.

Muitas dificuldades, questões inerentes ao modo de vida daqueles que resolveram trilhar um caminho que não é o habitual, ou ainda, problemas enfrentados por aqueles que escapam as veredas impostas segundo a conveniência e de acordo com as regras de quem monopoliza as decisões e os resultados do jogo.

Neste sentido, podemos destacar a cena final da obra de Herzog. O triunfo de Fitzcarraldo significou manter a lealdade ao seu ideal apesar de todas as vicissitudes enfrentadas.

Ele fracassa na sua empresa comercial, jamais será um novo barão da borracha, mas recupera o capital necessário, com a venda do barco, após o insucesso da viagem ao Rio das Mortes na busca por um novo caminho para o escoamento da borracha, para um dos principais capitalistas que controla a produção de látex, e busca toda a companhia de ópera.

Os artistas descem o rio em pequenos barcos, cantando, com a floresta como cenário, para deleite do protagonista que, numa cadeira, também comprada do teatro

de ópera de Manaus e fumando um ótimo charuto, desfruta seu momento de triunfo. Fitzcarraldo, cumpre, de seu modo peculiar, sua promessa inicial de manter-se coerente com seus projetos classificados, pelos demais burgueses, como devaneios inconsequentes.

Fitzcarraldo resistiu ao máximo, diante dos homens e da natureza, para manter seu projeto imaculado. Entretanto, também, como Marlow, permanece isolado, caricatural para o padrão da elite peruana, desprezado e isolado diante do poderio dos capitalistas da borracha. Nesse sentido, ambos são emblemáticos, não se importando com a plausibilidade, com o significado, com o tamanho dos seus sonhos ou com nenhum outro fator externo que possa interferir, tanto para auxiliar quanto para dificultar sua realização.

Eles irão ao extremo físico e psicológico para testar a capacidade humana em permanecer fiel aos seus mais caros sonhos. Tal lealdade é a prova de que são estes sonhos que, justamente, nos tornam mais humanos. Revelando nossa fragilidade, limites e ações temerárias ou sublimes.

Por isso mesmo, o sentimento de isolamento físico e moral do homem que se encontra cercado, que busca sobreviver diante da catástrofe pessoal, o viajante solitário, encurralado e acalentando, segundo a expressão de Antonio Candido, aquele “sentimento de ilha” próprio do “homem surpreendido”: “Dai resulta o sentimento de bloqueio numa situação, cujos limites traçam superfícies exíguas, forçando o homem defrontar de maneira crítica ‘o semelhante ou ele próprio’” (CANDIDO, 2012, p.63).

Este “homem surpreendido” pela ocasião, pelos seus atos, pela situação imperfeita que se oferece a cada momento, projeta-se num caminho diferente daquele que o hábito, as regras instruções e planos advogam como mais corretos para governar nossos comportamentos e conviver adequadamente com os outros. Mas, tal esquisitice revela, instrutivamente, o que temos de mais humano em nós.

Trata-se, portanto, de um momento de crise e de como o indivíduo se posta diante de uma situação de enfrentamento dos seus ideais. Não se trata de um momento excepcional, como vimos, de mais um instante banal, algo aparentemente corriqueiro, que passa despercebido por todos, mas que será decisivo para todos os que se enquadram na categoria do “homem surpreendido”:

Para ele o homem surpreendido é um ser em crise, submetido a uma prova decisiva de individualidade. A crise decorre em geral do conflito com o grupo, ou os padrões: quem tem alicerce, supera e se reconstrói; quem não tem, se dissolve nas coisas, ou, o que para ele é o mesmo, na banalidade do conformismo social. Porque, para esse homem tão respeitador de valores, a adesão a eles só era válida quando representasse uma espécie de aceitação consciente, uma escolha em profundidade. O mero acatamento equivalia à sua ausência (CANDIDO, 2012, p. 69).

Compreendemos, portanto, que tal situação de enfrentamento e solidão nos coloca outros questionamentos importantes. Primeiramente a questão de saber viver bem consigo mesmo, afinal, no profundo silêncio que caracteriza o solitário, muitos não conseguem desfrutar do prazer da própria companhia, sobretudo, pessoas que foram sempre amparadas pela sensação de que um grupo, uma instituição cuidaria de qualquer situação imprevista em suas vidas, garantindo-lhe aparentemente a segurança necessária para se viver tranquilamente. Em segundo lugar, a questão da nossa identidade e da coerência frente aos nossos papéis sociais. Finalmente, toda a atenção ao simbolismo que encontramos nas viagens, físicas ou espirituais, que realizamos e que nos coloca, muitas vezes, a questão da lealdade aos nossos mais caros ideais.

### Referências

- ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitário, 2007.
- BALZAC, Honoré de. *O pai Goriot*. Tradução de Jean Melville. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- CANDIDO, Antonio. “Catástrofe e sobrevivência”. In: *Tese e antítese*. São Paulo: Ouro sobre azul, 2012.
- CONRAD, Joseph. *Coração das trevas*. Tradução de Sergio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008a.
- \_\_\_\_\_. “Um posto avançado do progresso”. In: *Coração das trevas*. Tradução de Sergio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008b.
- FITZCARRALDO. Direção de Werner Herzog. Intérpretes: Klaus Kinski; Claudia Cardinale; José Lewgoy e outros. Alemanha/Peru, 1982. 1 DVD (157 min). Coleção Folha de Cinema Europeu.
- HOBBSAWM, Eric. *A era dos impérios 1875-1914*. Tradução Siene Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- SAID, EDWARD W. *Cultura e imperialismo*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.